

# A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA : — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 44. — SABBADO, 1 DE NOVEMBRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

## SUMMARIO.

Contos do tio Joaquim (continuação) — O Castigo do Senhor (continuação) — Constancia de jesuita (continuação) — Roma (poesia) — Castello de Thun — Villa Rica de Ouro Preto — D. fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas (continuação) — S. Niklaus — O monte Matterhorn — O sapateiro d'escada (continuação) — A mocidade de D. João V (revista dramatica) — Chronica Semanal.

GRAVURAS — Villa Rica de Ouro Preto — O monte Matterhorn — S. Niklaus — Castello de Thun.

## OS CONTOS DO TIO JOAQUIM.

### III

#### NÃO JURAR EM VÃO.

Continuação. (\*)

Quando vim para esta terra, já vae n'um par de annos, tinha elle uma lojassita lá no largo de baixo, mesmo á esquina da estrada real. Era um pequeno modo de vida, que bem cultivado podia produzir bastante; mas o amanhã era descuidado, e a colheita foi infeliz.

N'estas coisas de negocio a reputação de homem de palavra se não é oiro de lei vale-o bem; e d'esta riqueza o bom do João era mais pobre do que Job.

Ninguém se fiava n'elle e o credito escasseava-lhe cada vez mais. Direito em contas e honrado era; porém aquelle sestro maldito de mentir por dá cá aquella palha, a mania de fazer juras e protestos, que nunca se realisavam, fazia com que lhe roessem a corda na maioria dos ajustes, sem que tivesse direito de se queixar, porque não era mais do que pagar-lhe na mesma moeda.

Assim iam os tempos e o negocio corria-lhe por agua abaixo.

Para maior desgraça, no sitio onde não havia senão a loja do João, veiu estabelecer-se uma outra, e tirar-lhe a freguezia.

Era do José Fernandes, que ainda hoje lá a tem no mesmo lugar, e que sabendo o valor do ditado — cara alegre ganha vontades, — tratou, em quanto o seu visinho andava de maus modos, porque os tempos lhe iam maus tambem, de attrahir compradores, tratando-os ás mil maravilhas, e desfazendo-se em bons serviços.

João tinha uma filha, a menina dos seus olhos, e uma flor de enche-mão. Mais guapa rapariga não havia de certo por aquella meia duzia de leguas em redor; e se tivesse nascido na cidade, se lhe tivessem desbastado as gros-

suras dos campos com a plaina das fidalguias, metteria de certo a um canto essas arrebicadas, que para ahí vem passar os verões e que parece que se estão mesmo a desfazer.

É bem certo, que não ha panella sem testo, e quando a vazilha é de tão fina loiça, é preciso que a tampa lhe não desmereça da qualidade.

E assim era o arrojado de Joaquina: rapaz bem feito e espigado, forte de corpo e affeioado de rosto, era um d'estes de quem não ha nada que deitar fora.

Como é de crer, entendiam-se que era um regalo, e morriam um pelo outro. E que bem acertado par elles eram! Joaquina, delicada e fina como uma rosa de tocar, ou uma flor de madre-silva; Domingos, forte como um zambujeiro e direito como um prumo.

Encostados um ao outro, quando se fallavam ás furtadellas ao descair da tarde, pareciam, tanto ella se agitava a elle, e tão erguido elle estava, contente por a ter consigo, a haste da cruz de pedra que está defronte dos Ouriços, vestida com as braçadas flexiveis da hera, que lhe nasceu ao pé.

Ninguém lhe invejava a felicidade antes; pelo contrario, todos gostavam de os ver assim, que bem pareciam ter nascido um para o outro; mas sabem de certo, que não ha bem que dure sempre, e o d'elles por isso havia de acabar tambem.

O pae de Domingos, Deus lhe falle n'alma, era um fazendeiro abastado dos sitios, que contava para cima de

vinte geiras de terra de pão, fora umas seis courellas de trincadeira, duas hortas valentes, e um pomar de caroço de mais de trezentos pés de fructa. Era um bom casamento para a rapariga, e por isso o João fazia a vista grossa. Que de mais a mais o noivo era rapaz de honra e incapaz de abusar.

Mas não assim o tio Fernandes, que não engraçava com o tendeiro por as suas mentiras, e que nada queria com gentes, que pertencessem ao caramboleiro. Tinha sido toda a sua vida homem de palavra, as suas promessas eram mesmo um evangelho, e quem não seguisse este modo de vida nada tinha feito com elle.

Domingos, como é de crer, tinha escondido do pae os seus amores com Joaquina. Uma vez por outra procurou sondar-o a tal respeito, porém como visse que era tempo perdido, tinha desistido da empresa, e assim ia tentecendo o namoro com esperanças em que ou o velho cedesse da birra, ou o outro do vicio.

Foi por estes tempos que se armou uma das tantas guerras que por ahí tem havido na nossa desgraçada terra. Era precisa tropa e trataram de recrutamentos com toda a força.

Domingos foi um dos sorteados. Seu pae, rico bastante, podia com facilidade pagar a um homem para o substituir, o caso era que o quizesse, e tanto que estava resolvido a sacar uma duzia de loiras da arca, onde estavam havia um par de annos sem ver sol nem lua.

Era um domingo á noite, e o tio Fernandes recolhia-se de uma feira de gado onde fóra comprar uma junta de bois, de que precisava para a lavoura. Vinha deitando contas á sua vida, e tão entretido que nem lhe tinha custado o caminho.

Ao voltar de uma azinhaga avistou de longe dois vultos, que não parecia darem pela sua vinda. Reconheceu-os logo, e percebeu tambem qual o fim com que seu filho tantas vezes lhe tinha desculpado o João da Tenda, e porque tão desgostoso andava por sentar praça.

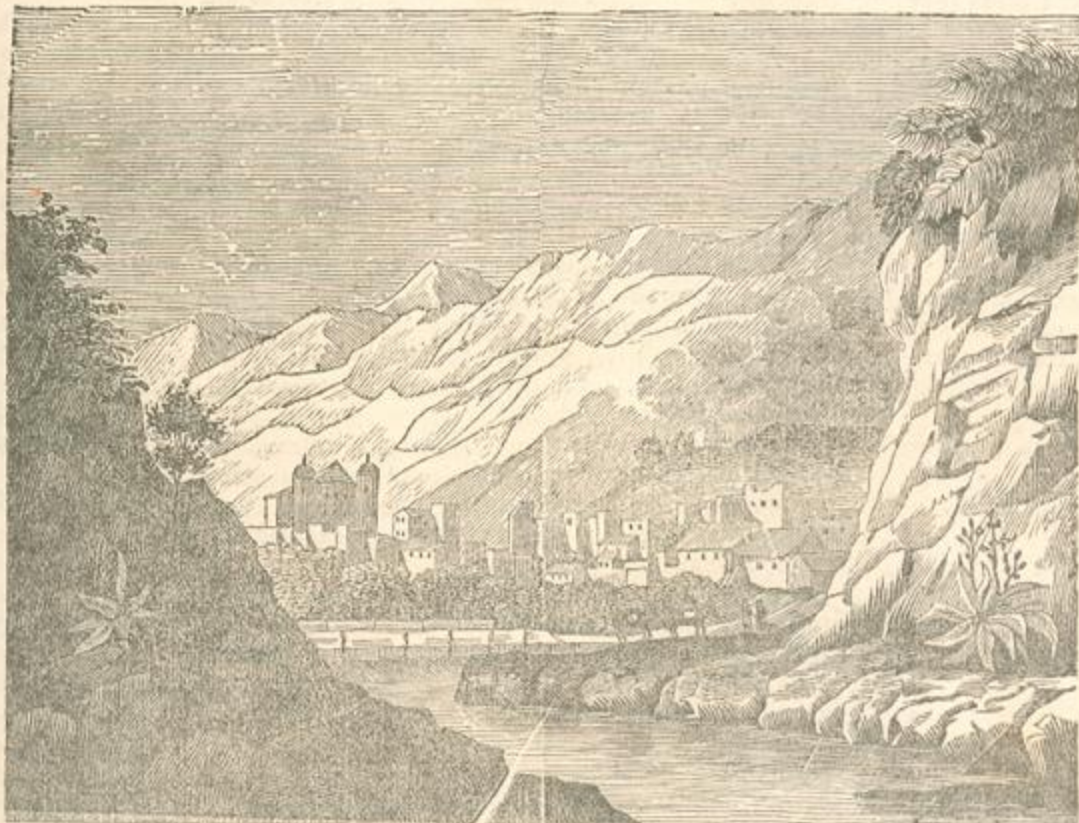
Fez os seus entes de razão, e ajustou com os seus botões, que, desse por onde desse, não se havia de fazer semelhante casamento.

N'essa noite houve questão até fora de horas entre Domingos e seu pae. O rapaz confessou tudo e o velho negou-se a pagar-lhe o homem.

— Ou deixar o namoro ou sentar praça, disse-lhe o tio Fernandes, e Domingos preferiu a segunda condição.

Mezes depois chegava á terra a noticia da morte de Domingos. Tinha-se batido como um homem, tinha sido um dos primeiros a atacar, e pagara o atrevimento com a vida.

Figurem-se agora qual seria a pena de Joaquina ao saber de semelhante noticia. A pobre da rapariga, depois



Villa Rica de Ouro Preto.

(\*) Do num. 41.

de que o seu apaixonado partira, não tivera nunca mais uma hora de consolação. Levava os dias a chorar, que era uma dor d'alma, e ia-se infesando a olhos vistos.

João, o culpado de tudo, pelo seu amaldiçoado costume, sem recursos porque os freguezes lhe tinham fugido, e porque o mal de sua filha lhe levava o resto, estava que parecia outro, e n'aquella casa, onde todos viviam contentes, não havia já nem signaes de alegria.

A apaixonada moça foi esmorecendo cada vez mais, os médicos não lhe achavam remedio para o mal, e qualquer que lhe receitassem não o queria ella tomar.

Acabou a sua cruz, e, em poucos mezes, foi reunir-se a Domingos n'essa outra terra onde os amantes vivem unidos eternamente, e onde os justos gosam da felicidade sem fim.

Quando entrarem no cemiterio reparem para a esquerda, que hão de ver debaixo do terceiro cypreste, a contar da porta, uma cova com duas cruzes de madeira e uma coréa de perpetuas. Ajoelhem sobre a terra benta, rapazes, e rezem ao Senhor pelo pae e pela filha, que ali descansam juntos como o tinham estado em vida. Lembrem-se do que lhes succedeu, e reparem, que ás vezes uma mentira pode deitar a terra uma reputação por mais antiga que seja. Rapazes, quando se apanha um homem n'uma mentira, custa ao depois a dar-lhe credito ainda que falle verdade, e quando se perde o credito, perde-se em pouco, dinheiro e honras. Felizes ainda dos que não pagam com a vida como o pobre João da Tenda.

Quando os trabalhadores saíram, chegou-se Antonio ao narrador.

— Percebi tudo, tio Joaquim, prometto-lhe não mentir nunca mais nem fazer juras por coisas poucas.

— Deus te oiça, que és um bom rapaz; e se perderes esse mau costume, poucos haverá que te levem a palma.

R. PAGANINO.

## O CASTIGO DO SENHOR.

### CONTO AO SERÃO.

Continuação

#### XI

#### A VONTADE DE DEUS.

O Castigo do Senhor, que, suspendendo o braço de Fernando, impedira o crime de que já estivera á beira, tinha escutado as ultimas palavras dos tres mancebos, presos á mais viva e á mais vehemente paixão.

Não se terá o leitor esquecido que em busca de Fernando tinha saído Paulino, para que podesse, alcançando a sua retirada do palacio, e ainda mais do paiz, alcançar a tranquillidade de todos.

Nós que vimos a pressa com que correram os acontecimentos que tanta magoa deram ao chefe da cohorte de sangue, sabemos que seria impossivel encontrar seu filho que buscava, porque o proposito unico do que fôra irmão de Laura, era encontrar a sua antiga amiga e irmã, e o homem a quem aborrecia como um rival preferido.

Paulino impediu o golpe que já pairava sobre o peito d'Eduardo; o amor de verdadeiro pae deu-lhe as forças que a idade lhe poderia recusar, impoz a Fernando o seu poder, e depois de lhe mostrar a necessidade de curvar a cabeça ao destino que lhe roubava a mulher idolatrada e escolhida pelo seu coração, depois de ter ouvido amargas expressões em troca do que dissera, e de ter sentido todo o fel que deve calar no coração d'um protector desvelado, vendo levantar-se diante da sua dedicação sem limites a mais feia ingratição; elle o reprehendeu, ordenando-lhe que saísse, e que esperasse as suas ordens terminantes.

A resposta de Fernando não se fez esperar; todo o poder das paixões desenfreadas se accumulava no animo robusto do infeliz; um tremor convulsivo era a prova tremenda da sua colera.

— Quem falla de dever, disse elle, é o homem que me jurou a ventura, e que me atira em nome do acaso com a mais despedaçadora das desditas; é o salteador afamado, que pretende conduzir-me á virtude, pelos caminhos que nunca conheceu!

— Santos do ceo! bradou Paulino, como a justiça omnipotente se cumpre na terra!

E quasi que as forças caíam diante do poder do infortunio.

— Cala-te, cala-te, irmão, que te perdes! Exclamou a pobre menina pondo a mão na bocca do mancebo, que a repellia em furia, e que nem attentava no despreso que se pintava na frente do amante da sua escolhida, pelo que lhe ditara o ciúme e a allucinação.

— Deixa-me, continuou elle, a procella rugia sobre as nossas cabeças, e mal haja quem a conjurou a desprender-se.

E Fernando ia a deixar a sala em que todos espantados escutaram o que dissera o desgraçado em seu delirio, quando, parando repentinamente, bradou:

— Paulino, esta cadéa, unica herança que recebi de meus paes, escuta o juramento d'uma vingança completa.

E apenas se escutavam os passos, que retumbavam ecoando pelos corredores do palacio.

— Meu irmão, meu irmão! dizia a pobre menina correndo para elle. Era tarde.

— Laura, interrompeu com pressa o Castigo do Senhor, eu não temo, nem accuso o desgraçado que saiu. Não é força ter um caracter soberbo e impetuoso como Deus deu ao teu pobre irmão, para chamar em seu auxilio no primeiro momento d'abandono pelos deuses das paixões. Mas o tempo urge, é forçoso sair d'aqui amanhã de madrugada.

Depois, voltando-se para o que não ousava chamar seu filho, continuou:

— Vossa mãe prepara tudo n'este momento; a vossa existencia que me é cara... como... mais do que a minha, porque... porque estive em perigo de tirar-vol-a.

E enxugava uma lagrima que involuntariamente lhe rolava pela face, e que acompanhava os prantos que corriam dos olhos da infeliz menina, receiosa de perder o seu esposo tão sonhado.

— Não chores, filha, disse elle beijando-a na frente.

— Oh! meu pae! balbuciu ella, como eu soffro! quem me diria que devia ser tão desgraçada!

— Não hasde ser. Bradou o pae.

— Não, não será. Disse Eduardo recostando a cabeça formosa da virgem sobre o seu peito que arfava do mais energico amor.

Paulino proseguiu:

— Deixa os tormentos para os que commetteram crimes, ou que seguiram uma estrada que o destino lhes apontou. Luiza, a mãe do sr. Eduardo, é de hoje ávante tua mãe, vaes segui-la. Amaes minha filha, ella ama-vos tambem. É vossa, eu vol-a dou.

Eduardo louco e perdido pelo poder do reconhecimento em almas nobres, não pôde mais do que pronunciar palavras sem nexo e sem tino, e cair de joelhos como Laura, aos pés do antigo amante de Luiza, que ao sentir o primeiro beijo amigo que seu filho lhe depunha na dextra paternal, e pelo qual o desditoso lhe dava em troca a benção sagrada do mais verdadeiro sentimento, só pôde banhado em pranto levantar nos braços os seus filhos.

— Meu Deus, dizia Eduardo, meu Deus, como poderei recompensar...

— Um dia, continuou rapido Paulino, eu vos pedirei a recompensa. Ide ao encontro de Luiza... amanhã tudo estará concluido; nem uma palavra... adeus.

— Porém vós, meu pae?...

O amor suffocara a amizade verdadeira que Laura sentia por aquelle a quem devia mais do que a vida, mas o sentimento, rei do espirito, acordou na candidez da mulher pura.

— Dentro em pouco, disse elle, irei procurar-vos, não temas. Deus hade reunir-nos. Vão. Corro ao encontro de Fernando. Não julgo que possa existir por muito em tal delirio; o seu dever hade ser desperto á minha voz. Adeus.

E Laura e o filho de Luiza não podiam julgar-se desgraçados no momento em que a vontade de seu pae os ligava um ao outro, quando os seus mais ardentes votos iam ser cumpridos; mas parecia á donzella ser um crime exultar quando ia abandonar o seu protector, e o seu irmão dos folgedos d'essa idade que não torna, quando ia deixal-o na mais viva dor; parecia igualmente a Eduardo que era elle que um destino fatal ali trouxera para que se tornasse o pomo da discordia entre dois amigos de tanto tempo, e para roubar uma filha a um pae que a estremecia. Mas eram felizes. Uma nuvem tenue lhe enlutará a alma, mas era breve dissipada pelo poder d'uma esperança de felicidade.

O coração do homem sabe sentir os males alheios um instante apenas, e prantear a dor que soffre, em bastas horas.

Paulino estava só, olhava os seus que o deixavam, e pela vez primeira, ha muito tempo, cruzou as mãos sobre o peito, caiu ajoelhado, e, levantando o pensamento a Deus, rezou.

A religião é um manancial inesgotavel de consolações nas horas d'agonia.

A mão de Deus entornava um balsamo consolador no seu espirito torturado ha tanto.

Um criado entrou na sala quando elle se recostava no sophá, e annunciou-lhe que um homem que tinha uma estalagem na cidade, e que tinha a dizer-lhe coisa d'importancia, pedia para fallar-lhe.

Começava a anoitecer. Paulino mandou entrar o recém-chegado e conduzir luzes, e algum tempo depois o Castigo do Senhor e o estalajadeiro estavam sós, e com todas as portas fechadas, que as fechara cautelosamente o homem que acabava de chegar.

Em um dos antecedentes capitulos soubemos nós da morte d'um homem essencialmente conhecido de Paulino, e que lhe legara uma caixa enfeada e sellada; pois era essa que n'este momento elle abria, porque o homem que viera procural-o lhe dissera de o fazer assim, ao entregar-lh'a.

Nos papeis que ajudavam a prender o pequeno cofre estava escripto — «Ao sr. Roberto Guilherme, no dia 25 de julho.»

— É hoje. Disse Paulino, acabando de ler.

— E eu, tornou o hospede, fui leal no cumprimento da promessa que fiz a quem me assegurou, nas ho-

ras d'agonia, depender d'aqui a felicidade de alquem.

— Vejamos.

E Paulino estremecia, sem saber se seria uma ventura ou uma desgraça nova sobre que choraria ainda.

A caixa estava aberta; dentro viu elle um retrato de mulher que acreditou ter visto já, mas de que se não podia recordar; depois o retrato d'um homem, mas esse conheceu-o logo o Castigo do Senhor.

Era o retrato de Baptista, seu antigo companheiro, e a quem julgara morto desde que ha vinte annos foram dispersos os complices dos crimes de que era tambem reo o Castigo do Senhor.

Depois uma carta se seguia; mas qual foi a sua admiração vendo a cruz de oiro que já lhe pertencera, e que elle tinha deposto em lugar do bilhete que trazia a menina Laura quando pela primeira vez a vira.

— Meu Deus! dizia elle.

E o interesse redobrava. Abriu a carta, e leu:

«Meu chefe. No momento em que não pudemos continuar a viver juntos, e que uma sorte cruel nos mandou procurar guarida em terras longes, eu não podia levar comigo os meus filhos.

— Os seus filhos!? repetiu o chefe, estremecendo.

Depois continuou:

«Vós tinheis muito mais oiro do que nós todos reunidos. Não censuro uma falta, digo uma verdade. Sereis vós que os levareis. Assim pensei, e assim fiz. Depuz na estrada, por onde devieis passar, uma menina com um bilhete pedindo a cruz que vos restituo; e mais longe um menino com uma pobre cadéa com o retrato de sua mãe.

E Paulino comprehendeu então porque razão reconhecera o retrato que tinha diante de si. Era semelhante ao que Fernando possuia.

«Ambos são meus filhos!

E n'este momento o Castigo do Senhor erguia-se como allucinado, não podendo acreditar tanta ventura. Fernando e Laura eram irmãos, era pois impossivel que o hymeneo os prendesse; e elle corria para a porta em busca dos seus dois filhos, quando o estranho o deteve e lhe pediu de continuar.

Paulino retrocedeu, a curiosidade veiu talvez ainda, e elle concluiu a carta, que terminava assim:

«No dia 25 de julho tem a menina vinte e tres annos, em dia de S. Paulo completa o menino vinte e quatro. A pobre menina, sua mãe, morreu quando minha filha viu a luz do dia; não direi o seu nome, era uma deshonra presa ao tumulto, ella não tinha nem riquezas nem braço. Em quanto correram estes vinte annos, em que teria morrido se as saudades da mulher que amei e de meus filhos me não alimentassem na dor e na expiação, busquei saber aonde estaveis; foi impossivel. Sube depois por alguns dos nossos companheiros que encontrei, que Roberto Guilherme era o Castigo do Senhor; li a carta que vos enviaram e a sua resposta, mas tencionando ver e amar meus filhos, que eu sabia junto de vós, sem pronunciar uma só palavra; Deus não quiz! Adeoci; se morrer, como já roguei ao homem que me acolheu benigno, estou certo que recebereis tudo.

«Pedi a meus filhos que me rezem por alma. Dae por mim a benção aos pobres que Deus talvez me não deixe abraçar. — Baptista.»

Paulino apertou a mão do que considerava como amigo, e queria recompensal-o largamente; mas elle recusou fazendo-lhe ver que só obrara assim por humanidade; e posto que o Castigo do Senhor lesse baixo toda a carta, e que elle não tivesse ouvido nem uma só palavra, via contudo que a carta trazia felicidade, e considerava-se feliz por isso.

Algum tempo depois tornava pelo seu caminho, e procurava a casa em que morrera o pae de Laura e de Fernando.

Exultava Paulino por ver cortados ali todos os males, e correndo rapido ao quarto do seu filho adoptivo, para tudo lhe manifestar, ficou espantado de o não ver.

Mal podia saber a origem da fugida.

Não trazia o reconhecimento do pae das duas creanças nem oiro nem posição, mas trazia o aniquilamento de todas as magoas; nem o rigor de Paulino, nem o desdem de Laura impunham a Fernando que deixasse livre a mão de sua irmã; era a vontade de Deus.

Receioso porém de que Fernando, no arrebatamento do seu delirio amoroso, praticasse mais terriveis loucuras, correu o Castigo do Senhor em sua busca, e depois de correr todo o palacio, que allumiava o sol ou as estrellas, entranhou-se nos corredores subterraneos.

O pae queria impedir ao filho uma desgraça ou um crime.

Era já tarde.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

## CONSTANCIA DE JESUITA.

Continuação.

#### XX

De maior finura no sentir, pedra de mais seguro toque para coisas que lhe interessem de perto os sentimentos, nada ha como o coração da mulher sincera e apaixonada. E se na terra quiz Deus deixar alguma faculdade de adivinhar, foi ainda ao mesmo coração, á filha di-

lecta do Creador e esmalte do mundo, que tudo isso le-gou.

Assim era Laura, que desconsolada no captiveiro, só presa á vida por fé mais tenue que o fio da aranha, so-nhou, adivinhou ali mesmo, o destino que tão longe cor-ria o desventurado Luiz Gonçalves.

Confessemol-o. As duas metades da humanidade fi-caram desproporcionalmente dotadas. Cada uma levanta olhos invejosos para a sorte da contraria, mas verdade mais incontestavel não n'a ha ahi, do que serem a liber-dade, licença, e privilegios do homem, a coisa mais no-josa, ephemera, prosaica e cercada de espinhos e respon-sabilidades ante Deus, ante o estado, e ante a familia. E a mulher? Eil-a herdeira dos mais admiraveis dons—in-telligencia que assombra, quando lhe alliviam o jugo das cadéas—alma mais pura que o cristalino orvalho da man-hã, quando sopra empestado não vem vicial-a—cora-ção que anjos temperam com todas as preciosidades do ceo—peito que extasia exhalando perfumes de vida—labios que se não abrem senão para semear conforto e amor, ainda sellados com sorrir de seraphim que apiada feras, quebra frios e rudezas; sorrisos feiticeiros que só esvoaçam meigamente em face feminina.

Creada para senhora e imperante, a mulher, temol-a feito escrava, e quasi sempre instrumento de nossos cap-richos aviltantes. A ella o cuidado de adoçar-nos com meiguices e lagrimas as iras e as asperezas do caracter, que sempre as temos e muitas—a ella a paciencia an-gelica com os incommodos da geração, com a penivel crea-ção dos filhos, cujas maldades, recrescentes com o corpo, é preciso refrear-lhes—a ella os cuidados da educação domestica, que por nenhuma outra mão corre nem me-lhor nem mais proficua, quando a guiam intelligencia e moral, quando, casada com os mimos do maternal amor, tem nas occasiões a indispensavel austeridade da correc-ção. A mulher o soffrer sem boquejar quantas grosserias, quantas liberdades e dissipações, quantas imprudencias e consequencias dos vicios publicos e privados, está fatal organização do homem traz consigo! E ella a padecer... e padecer!... E ella a mirrar-se por adivinhar e cum-prir-nos o pensamento!... E ella a obedecer até ao im-perioso e ignaro relancear d'olhos, á frente que a subitas se enrugara, á linguagem que mudou de tom e escas-seou, tudo com mais submissão do que o escravo curva-va a cerviz ao alphange do janizaro!...

De serva e não companheira é a sorte que talhamos á mulher: matamos-lhe para sempre a vontade e a liber-dade, augmentamos-lhe as fadigas e as responsabilida-des do marido, dos filhos, da casa, e da familia, em quan-to os seus privilegios são um engano maldito, um laço fementido armado á sua innocencia, como se attrahe o africano inesperto com oiropeis e datas das côres mais vi-vazes, para assim o reduzir á escravidão.

Tal é o destino da mulher. Destinada a ser o esmalte do corpo social, a sociedade ambiciosa e inconsequente lhe falseou o destino. O homem foi o anjo mau de suas tentações, o algoz deputado para esse tremendo sacrificio de lesa-natureza, porque é facil ao homem, serpente de nova especie, seduzir com apparencias calculadas a mu-lher, avesinha innocente e descuidada. Por uma cobar-dia sem nome, só depois, quando a impunidade e a pos-sessão lhe difficultam as reacções, é que reveste toda sua forma hedionda e peçonhenta!..

## XXI

Esperanças, essas nunca no captiveiro abandonam a infeliz Laura!

Lá mesmo pôde saber qual destino tivera o homem que amara, fugindo do mundo para a Companhia de Je-sus, fructificando n'ella com esforço sobrehumano em to-do o Mogol, respeitado e amado pelo príncipe, adorado pelos subditos, que no seu exemplo bebiam fé e por ella caíam no regaço do christianismo!

Lá mesmo soube das peniveis fadigas com que esse homem notavel, por suavisar as chagas que lhe abria o amor desaventurado que lhe jurara, buscando por to-da a parte a morte que mal lhe acenava desapparecia, ia caminho do ceo, risonho no meio da dôr e desconforto, curtindo fomes, redobrando macerações e penitencias, em obsequio a uma sublime doutrina, por amor da qual elle mesmo fóra quasi que convertido, e salvo do desespero, com que satanaz esteve a ponto de vencel-o!

Bento de Goes, o coadjutor temporal da Companhia, ainda assim não perdia occasião de semear com a pala-avra e com o exemplo os principios que levam á salvação. Caminhava incessante. Por unico escudo contra settas e venenos de infieis levava um crucifixo. Não menos que qualquer missionario, por toda a parte dispargia o bal-samo de palavras de divina inspiração, que cauterisavam as feridas empeçonhadas dos gentilicos rancores—appare-lhava corações para a familia e para a humanidade—e, não contente ainda com todas estas fontes inesgotaveis, abertas por onde acertava de passar, cheio de cilícios, com as sandalias gastas e os pés dilacerados, vertendo sangue, ia muito mais além ganhar espiritos para a civi-lização e glorias para o estado, emprehendendo descobrir pelo centro da Asia, pelo paiz dos Usbeks, caminho que levasse ao Gran-Cataio, que outro não era senão a China septentrional.

E Laura?

Laura, amante como só podem ser mulheres, quiz cá

da extrema Asia correr-lhe ao encontro! Qual dedicação de homem poderá rivalisar com os generosos sacrificios da mulher?

O moiraz que retinha Laura em captiveiro soia atra-ressar o continente, mercadejando até ao oriente, berço das duas auroras, a que cada dia vem dizer ás trevas que desapareçam, e a que nasceu uma vez para alumiar sem-pre e todo o mundo até á consummação dos seculos, com luz que fascina e enfeitiça sem deslumbrar os fracos, e conduz pela tenebrosa escabrosidade da vida até ás lumi-nosas doçuras da eternidade.

Muitas vezes faziam as escravas captivas parte da fa-zenda levada para trato no interior, e d'esta feita não es-queceu ao moiro esta tão singular especie de mercancia. Não entrara Laura no numero das escolhidas para acom-pañarem o senhor, mas pediu... chorou... chorou... e conseguiu fazer parte d'ellas, porque o coração, que tão fiel lhe era no presagiar, agora lhe acendia mais as côres da até ali tão desbotada esperança.

Era o dedo de Deus, que agora apontava a reunião d'estas duas creaturas, inflammadas em amor tão puro, tão infelizes ambas, e tão pacientes com a sorte que as separara!

O jesuita caminhava com anciadade á procura da mor-te—a captiva corria esperançada ao encontro da vida; e d'um mesmo commum sentimento, o amor, derivavam ambos estes tão oppostos designios, que por uma sobera-na combinação deviam suavisar o destino d'um e d'outra, dando-lhes a morte das penas, a vida e o consorcio da eternidade!

Ao cabo de muitos mezes de pesadas jornadas fez o mercador moiro assento em Socheu, no celestial impe-rio.

A Providencia, por um concerto admiravel chegava á realisão dos seus decretos!

Laura ficava ali, para que elles se cumprissem.

## XXII

Grande placidez vae pela immensidade dos ceos!

Horas ha que amanheceu, mas ainda nas alturas, de-clinando para o occidente, se vê a lua, como pequeno globo diaphano, como bola com que a infancia doi-deja.

Pelo azul do firmamento apenas correm pausadamen-te pequenas nuvens, quasi imperceptiveis, como fumo tenue que o vento dissipa. Do oriente surge entre rosa-dos raios de luz o astro do dia, magnifico, com todo o esplendor, dignamente creado para rei e centro d'um ma-gestoso systema de mundos. Em flores e fractos se desen-tranham deliciosamente os campos verdejantes; e com-tudo tanta harmonia de terra e ceos, apostada a gerar risos e alegrias, e fazer almas felizes, se contrapõe cruel-mente á indefinivel agitação que faz mui triste e descon-solado o animo e o viver de Laura, e de Bento de Goes.

Até ali a alma apaixonada da donzella não tivera um unico pensamento que não voasse, soprado pelo amor, em cata do amante perdido. Procurava-o por toda a parte, e entre os grilhões do captiveiro não era do seu livra-mento, mas da sorte do moço michaelense, que algumas vezes fallava aos religiosos da Santissima Trindade da Re-dempção dos Captivos. Era d'elles, que sempre ouvia pa-lavras de consolação e esforço—era por impulso d'elles que vivia e cria no futuro.

Empenhada agora n'uma jornada mortifera, buscava ver ainda, ao menos uma vez na vida, o homem a quem tinha dedicado todos os sentimentos do coração. Depois de mezes de viagem infructuosa pelo interior da Asia, todas as esperanças se lhe perdiam, e nos seus transes amargurados, carpindo-se sentidamente, o amor lhe sug-geria queixas muitas vezes injustas.

E quem ha ahi, por mais amante que lhe o coração palpita, que em tempos de separação e interdito, não ten-ha de que dar contas á verdade, das semrazões de mil pensamentos suspeitosos?

Sermos pouco justos, até com quem mais se nos inter-resse na sorte, e que não pense, nem viva semão por amor de nós, é effeito mui trivial do infortunio.

Fôra um dos estudos mais proficuos ao espirito hu-mano habitual-o a não ajuzar nem meditar de leve sobre fundamentos sonhados. Sentenciar delitos aereamente, sem lhes haver recolhido com sua imparcialidade os do-cumentos, é peccado de imprudencia, para cuja absolvi-ção não abasta todo o bom humor e sangue frio do mun-do. Da reforma d'este erro está por ventura dependente a mór parte dos esteios da moralidade universal.

Parece-me adivinhar, que o leitor espera achar aqui um d'esses lamentos, em que o amor proprio e o coração affectuoso se pleiteam encarniçadamente. Seja-lhe feita a vontade. Dos mais violentos soliloquios, que nos momen-tos de desesperança a imaginação apaixonada de Laura se comprazia inventar, nenhum reproduziremos aqui. En-tre os mais brandos, e nos d'este ultimo dia sem que a en-contramos em Socheu, será feita a escolha.

## XXIII

Laura murmurava assim:

— «Para que conservei a vida, oh meu Deus? De li-vre que era na casa paterna fui tornada captiva. Depois do captiveiro, a loucura e os perigos do naufragio!

«Nos meus braços exhalou a vida a pobre Isabel, mi-

nha prima, e só volvi á razão para ver um espectáculo de mortes e tormentos!

«E resisti, e sobrevivi a tudo isto!

«Meios de obter a liberdade rejeitei-os sempre; que todo o peso da escravidão me era preferivel, estando mais proxima das terras em que me diziam existir o homem por quem, ainda apoz tantos annos de infortunio, vive tão violenta como no primeiro dia, a affeição que me inspirou, e que jurámos!

«Luto incessantemente entre as agonias d'este viver incerto. E elle? Olvidado da infeliz captiva crê-a morta; apparelha-se novos gosos, ou afaga ambições da vida! Que só o quinhão da mulher sejam dôres, e por sobre el-las ainda constante ternura!

«Quão mal se nos avaliam os sentimentos! Victimias da sensibilidade propria, arrastam-nos por ella aos mais acrisolados sacrificios; e ao cabo de tudo, somos tyran-nicamente ludibriadas e esquecidas!

«Virgem Santissima! Fazei que ainda o veja uma vez! Que o envergonhem minhas lagrimas, e minha sorte! Que um sorriso seu de compaixão cauterise as chagas que me pungem—e logo se me depare a morte, que o morrer me será doce, quando lhe deixe n'alma uma saudade!»

Ainda ia por diante o pranto da infeliz, com o mes-mo accento de dôr, com a mesma amarga desconfiança do amante. Nada para ella parecia haver já, que podesse consolal-a e modificar-lhe as queixas.

Continua.

JOSÉ DE TORRES.

## ROMA.

(TRADUÇÃO DO ITALIANO)

(Ao meu amigo Carlos de Sousa.)

A teus pés monumentos sacrosantos  
Minha fronte curvar os ceos permitem!  
Ó soberba rainha de cem povos,  
Ó berço, ó sepultura dos valentes,  
Santuário d'heroes, de reis, de bravos!  
Esplendido altar do sacro monte,  
Qu'em ti a luz do sol a luz derrama!  
Quem pode descantar tantas victorias?  
Na feliz contraria sorte se admira  
Do talento, e do valor tremenda luta.



Nos dias do passado, qual dos povos  
Não sentiu pairar aguias romanas?  
Brotaram d'esta terra almas soberbas  
Que o mundo absorto ante ellas pára!  
Não podem viver, morrem p'ra sempre...  
Que é Deus que talvez lhes guarde a fama!  
E estas largas muralhas transpuzeram,  
Tropheos da gloriosa e velha guerra,  
Atrelados aos carros da victoria  
Os monarchas soberbos de mil povos.



Dos barbaros do norte a horda fera  
Do amor e do saber inunda a terra!  
Mas tu não succumbiste, e nos combates  
A cruz se alevantou a paz ditando.  
E sae do Capitolio, envolve o mundo  
Do evangelho a paz; e a voz do Christo.  
Qual Phenix immortal que sae das cinzas,  
Das ruinas surgiste do imperio,  
E do pensar o sceptro ás mãos houveste.



Ó Roma, ó forte, ó santa, inspiradora  
De glorias e d'amor; cidade altiva  
Do velho Colyseo, do Vaticano!  
Duas fervidas glorias tu proclamas,  
No teu solio as crava a mão do tempo.  
E a bella idade d'oiro tu recordas  
Da soberba Siam tu és imagem.  
E tu rival não tens, nem par na terra,  
A força cae-te aos pés, as iras quebras,  
Do teu passado a gloria abre o futuro.



Surge a guerra e desabrida  
Calca os povos, calca os reis;  
E tu, Roma, enfraquecida  
Vês morrer armas e leis?  
Não és a Roma d'outra ora,  
Não surges tremenda agora  
Das guerras dando o signal?  
De Bruto na sepultura,  
Não prendeste a desventura  
Erguendo ferreo punhal?

Teu pontifice vencido  
Por vil manejo sem par,  
É cordeiro combatido  
Que os lobos querem tragar!  
Teu solio ficou deserto  
Throno e sceptro vês de perto,  
Vês tombados a teus pés!  
É do povo a santa herança,  
É de Deus justa lembrança,  
Quer-te rei mais uma vez.

Sentada no regio solio,  
Chama o Papa ao Vaticano,  
Mas tambem ao Capitolio,  
Chama o teu povo sob'rano.  
Deixa a mitra— a Deus orando—  
Mas o teu sceptro tomando,  
Brada ao povo— espada e lei!  
Tremem thronos ao teu brado,  
E toda a Italia ao teu lado  
Te sauda como um rei.

De Calabria, desde os montes  
E dos Alpes inda além,  
A teus pés curvam as fronte,  
Os reis e os povos tambem!  
Teus tyrannos mata a guerra,  
Nem tem um palmo de terra,  
Nem tem um peito leal!  
Scintilla, brilha de novo,  
Tu, ó mãe do regio povo,  
E ergue a fronte colossal.

Aos campos lombardos de sangue banhados  
Os povos estranhos, voltaram soberbos,  
E as vinhas, e as rosas lá jazem nos prados,  
Pisadas, desfeitas por golpes acerbos.

Evoca a sentença dos crimes diversos  
Aos tempos volvendo, das guerras, da lei!  
N'um povo reune, mil povos dispersos,  
E a mãe te proclama d'um povo que é rei.

De novo resurge no centro da guerra,  
Attesta na Europa, que Roma não morre;  
E amostra-lhe—Roma, rainha da terra—  
Da luta á victoria soberba percorre.

Sou eu, sou a Roma dos tempos passados  
Que os thronos e os sceptros n'um molho apertei;  
Que os vi derrocados, dispersos boccados,  
E um throno d'imperios a Roma formei.

Sou Roma ganhando meu sceptro divino,  
E as luzes ganhando de novo dos ceos!  
Na frente m'estampa a mão do destino,  
—Cidade do povo, cidade de Deus!—

Aos passos sonoros dos teus combatentes,  
Aos sceptros, aos thronos tu ditas a lei;  
E os povos da Europa, curvados, trementes,  
A mãe te proclamam d'um povo que é rei.

Coimbra, 11 de novembro de 1854.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

### CASTELLO DE THUN.

O caminho de Berne a Thun é dos menos montuosos e mais faceis de andar em toda a Suissa; e n'aquella parte mais agradável d'este picturesque territorio, que é denominada Oberland, isto é, *terras altas*, tão notavel e curiosa que os proprios suissos de outros cantões fazem ajustes, umas familias com outras, com um anno e ás vezes mais de anticipação, para fazerem uma jornada ao Oberland, como quem se dispõe a uma romaria. Não é muito, portanto, que ali concorram annualmente viajantes de Alemanha, Italia, França, e Inglaterra, e ainda de outras nações.

O rio Aar, que baixa das geleiras do Finster-Aarhorn, despenha-se nos fraguedos de Handek altura de 300 pés, e vem alimentar, atravessando-os em toda a largura, os dois lagos de Brienz e de Thun, separados pela bonita povoação de Interlaken, cujo nome bem denota o sitio, *Entre-lagos*, e que por esta mesma circumstancia local é o ponto para onde convergem e se reúnem os viajantes.

A esquerda do lago de Thun é toda guarnecida de terrenos muito elevados e quasi a pumo, que aos que de longe a contemplam navegando nos barcos de carreira parece uma extensissima muralha enzaçada de heras, tanto é coberta de matos: á direita a paisagem alarga-se, mostrando duas ordens de montanhas, na apparencia de estarem as superiores mirando com sobrançeria as outras. De quando em quando é cortado este primeiro plano e vê-se uma garganta azulada, que da margem opposta póde suppôr-se da largura da cava de uma fortaleza, e comtudo na entrada tem uma legua de abertura.

O Aar é a communicação dos dois lagos acima mencionados, e no lugar onde elle entra no de Thun está a cidade d'este mesmo nome, em situação mui agradável com



O monte Matterhorn.

lindas vistas nos arredores. A unica coisa notavel em Thun é a escola d'artilheria. Damos um desenho do seu castello.

### VILLA RICA DE OURO PRETO.

A cidade de Villa Rica d'Ouro Preto, capital da provincia de Minas, no imperio do Brazil, está situada a oitenta leguas do Rio de Janeiro, em 20° 25' 30'' de latitude, e 334° 2' 12'' de longitude.

portante, e o que se entretém com o Rio de Janeiro, é feito por uma bella estrada, e em machos, de que muito abunda a provincia.

Antigamente a cidade de Villa Rica de Ouro Preto era bastante populosa; hoje, porém, a população está muito reduzida. A guarnição consta de um regimento de linha, além da guarda nacional.

A nossa gravura representa um dos pontos mais interessantes da povoação.

Em 1711 foi-lhe conferido o titulo de cidade, apesar de datar de 1700 a descoberta das minas que lhe deram importancia.

A situação onde foi edificada é bastante má, não só pela grande distancia a que fica dos rios navegaveis, senão pela esterilidade do terreno. Parece ser esta a verdadeira causa do abatimento em que se acha uma cidade tão prospera no seu principio.

Pela irregularidade, achando-se edificada sobre os muros que costeiam o rio de Ouro Preto, não é facil dar exacta idéa da cidade.

Villa Rica tem dois hospitaes, um civil e outro militar. Este é digno de notar-se pelo aceio, regularidade de serviço, e boa administração.

A cidade tem obra de mil e tantas casas e algumas egrejas; não havendo entre estes edificios nenhum digno de attenção. O palacio do governo, um dos principaes, é de mau gosto, bem como a casa da camara.

De resto, Villa Rica ainda conserva o aspecto da antiga opulencia. Mas o viajante depressa perde a impressão que lhe causam as apparencias, achando-se em frente da realidade.

Villa Rica não tem nem passeios publicos, nem divertimentos, se exceptuarmos um theatro, que passa por ser o mais antigo do imperio. O commercio é pouco im-

D. FR. MANUEL DO CENACULO  
VILLAS-BOAS.

Continuação.

Não foram tão seguidos os estudos das línguas como desejava este illustre varão, seu impulsor: comtudo n'esse pouco que se fez ficou assignalada a sua grande utilidade, e é pena que hoje tão descuidados andem os homens e os governos d'esta parte da educação.

Que fructos se não colheram d'aquelles trabalhos de D. fr. Manuel do Cenaculo quando vemos que um tr. João de Sousa foi varias vezes mandado a Marrocos e a Argel, ora como interprete, ora como enviado; que um fr. Alexandre de Gouvea foi bispo em Pekim; que fr. Marcellino José da Silva, o foi de Macau, fr. Caetano Brandão do Pará, e que os mestres Estrella, Maine e Abrantes, por causas d'esses estudos tiveram empregos honrados e honrosos?!

Que de utilidade não eram elles para as nossas missões do ultramar, não fallando já nas relações commerciaes com aquelles povos cujas línguas se ensinavam no Convento de Jesus?

Tratando o sr. Trigozo d'Aragão Morato dos estudos d'este nosso sabio, diz assim:

« Fallo das obras que primeiro mostraram aos portuguezes novos horizontes, onde elles então não tinham penetrado; das que lhes excitaram a lembrança de seus formosos e tristonhos dias em todo o genero de sciencias e litteratura; das que os estimularam para adquirirem o bom gosto de saber, e lhes ensinaram a honrar o merecimento em qualquer seculo e paiz que se achasse: fallo especialmente d'aquella parte das *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, onde se trata da origem e progressos da nossa litteratura; do *Apendiz sobre a reforma das sciencias e das artes na Europa*; e das *Memorias Historicas dos progressos e restabelecimento das letras na Ordem Terceira*; das quaes obras todas se pode tirar o fundamento de uma excellente Historia Litteraria europea, a qual respectivamente ao nosso paiz, se deveria então reputar a primeira, e pela extensão e variedade das materias ainda hoje a unica. »

Apresentamos de proposito a opinião do douto academico para demonstrar de que peso não é na litteratura patria o escriptor de quem vamos fallando, e como justa e sabia foi a determinação d'el-rei D. José na escolha d'este insigne varão para presidir á educação de seu neto, que foi um principe perfeito, e que a morte roubou prematuramente aos destinos do throno portuguez.

O primeiro objecto das lições de tão erudito mestre foram os elementos da geometria, historia patria, e universal: « mas a sciencia propria de um principe (como diz o douto academico) e o conhecimento pratico das virtudes que deve ter aquelle, a quem hade ser incumbido o governo dos povos, eram todo o fundamento da instrucção sublime que do extremo mestre recebia seu real discipulo; cujo feliz adiantamento o fez tão querido dos portuguezes, e faz hoje mesmo tão saudosa a sua memoria. »

A nomeação de confessor do principe, cargo que exerceu com o de mestre foi feita em Dezembro de 1768, porém só em março seguinte se lhe datou o decreto que lhe assignou por esse cargo o ordenado de dozentos e sessenta mil reis no rendimento da casa de Bragança.

Foi posterior a nomeação de mestre, pelo seguinte aviso:

« Ex.<sup>mo</sup> e Rm.<sup>o</sup> sr. Sua magestade tendo consideração ás letras e merecimentos de v. ex.<sup>a</sup>, e pela confiança que faz da sua pessoa, houve por bem nomeal-o mestre do principe Nosso Senhor, para v. ex.<sup>a</sup> exercitar com o de confessor o sobredito importante cargo; e pela secretaria de estado se expedirá a v. ex.<sup>a</sup> o alvará dos emolumentos pertencentes ao mesmo cargo. Deos guarde a v. ex.<sup>a</sup> Paço 9 de abril de 1770.—



S. Niklaus.



O castello de Ther.

Conde de Oeiras. — Sr. D. fr. Manuel do Cenaculo.

O alvará dos emolumentos foi datado de 10 do mesmo mez, e lhe assignava quatrocentos mil réis de ordenado na folha dos ministros e officiaes do conselho da fazenda.

Pouco antes de ter sido nomeado mestre do principe foi eleito bispo de Beja, pelo seguinte aviso:

« Sua magestade tendo consideração ás virtudes, letras, e mais recommendaveis qualidades, que concorrem na pessoa de V. P. R.<sup>ma</sup> houve por bem nomeal-o bispo da nova diocese de Beja, desmembrada do estenso archiepiscopado de Evora, por louvavel e exemplar instancia e cessão do excellentissimo e reverendissimo archiepiscopo da dita santa egreja metropolitana. O que participo a V. P. R.<sup>ma</sup> para que possa mandar tratar das suas habilitações, e expedição de sua bulla confirmatoria. E por esta secretaria de estado tem o dito senhor feito expedir a carta regia de apresentação na forma costumada. Deus guarde a V. P. R.<sup>ma</sup> Paço a 5 de março de 1770. — Conde de Oeiras. — Sr. fr. Manuel do Cenaculo. »

O novo bispo foi sagrado na real capella d'Ajuda, achando-se presente a familia real, no dia 28 de outubro de 1770, pelo cardeal patriarcha Saldanha. Foram consagrantes o archiepiscopo de Lacedemonia e o bispo de Macau.

Poucos dias antes da sua sagração demittiu-se dos cargos de diffinidor geral, e ministro provincial, porém conservou, em todo o tempo que residiu em Lisboa, a direcção privativa dos estudos que havia instituido na sua congregação.

Em março de 1770 foi nomeado presidente da real mesa censoria.

Em abril recebeu o titulo do conselho de sua magestade.

Nomeado presidente da real mesa censoria commetteu-se a este tribunal a direcção das escolas menores, e a do real Collegio dos Nobres.

Creada a junta do subsidio litterario, pelo alvará de 4 de junho de 1771 foi nomeado tambem seu presidente.

Para se calcular o impulso que o bispo de Beja deu então aos estudos, será sufficiente dizer que pela lei de 6 de novembro de 1772, e o alvará de 11 de novembro de 1773 foram estabelecidas no reino e seus dominios novecentas e vinte cinco cadeiras e escolas, creando-se de novo pela lei de 6 de novembro de 1772 as de philosophia racional e moral, e a primeira aula de paleographia que houve no reino.

Já desde o anno de 1769 este digno ecclesiastico havia promovido no seu convento o estudo da diplomacia fazendo ler e transcrever os codices antigos.

Um dos trabalhos de D. fr. Manuel do Cenaculo, que devemos aqui citar, foi a inscripção para a Memoria Equestre, que se preferiu e adoptou com preferencia á dos dois philologos Antonio Pereira e Olivieri.

El-rei D. José para o honrar como merecia, dignou-se escolhel-o para tratar os casamentos de seu neto e filha, e designou-o no mesmo dia do recebimento para padrinho do regio noivo na administração do Sacramento da Confirmação.

Terminada com este casamento a educação do principe, pediu e obteve o prelado licença para se recolher á sua diocese, e concedida ella fez a sua entrada publica em Beja no dia 18 de maio de 1777, e logo um dos seus primeiros cuidados foi o de estabelecer na sua capital, e em todos os arciprestados da Diocese o uso das conferencias ecclesiasticas, crear a academia ecclesiastica de Beja, e instruir no proprio paço um curso de humanidades e theologia, distribuido em sete cadeiras, e pagando generosamente estas e as de linguas com os rendimentos da mitra.

Foram estas cadeiras as de lingua grega, rhetorica, historia ecclesiastica, theologia moral, dogma, Escriptura Sagrada, cantochão e rito, e das linguas franceza, italiana, hebraica, e arabiga.

(Continua.)

S. NIKLAUS.

Esta construcção, que manifesta rudeza d'arte, só tem o merecimento da antiguidade, ignorando-se-lhe a data; o desenho a representa depois dos estragos de um violento tremor de terra. É um sitio onde fazem alto e tomam refresco em uma pequena estalagem, *gast-zimmer*, os que visitam o valle de Zermatt, que n'um precedente artigo descrevemos.

M.

## O MONTE MATTERHORN.

Este maravilhoso obelisco de granito em o cãntão suizo de Valais, que não chega a ter mil pés de menos em altura do que o celebrado monte Branco, e que illude a vista a ponto de parecer que vae desabar no valle que lhe fica inferior, surge do meio de um mar de gelo com um perfil levemente curvo e que lhe dá a similhaça, como disse Ruskin, de um cavallo empinado; e só pode ser bem observado do valle de Zermatt, porque a sua figura da banda da Italia differe completamente. Serviu de recreio e estudo ao professor Forbes, que viveu ali por algum tempo, n'uma rustica choupana em immensa altura, examinando as geleiras e fazendo outras observações scientificas.

M.

## LITTERATURA DRAMATICA.

## O SAPATEIRO DE ESCADA.

Continuação

SCENA V.

ENGRACIA, O SAPATEIRO, E JOSEFA.

JOSEFA.

(*Abrindo a porta repentinamente*) Olhe, senhora D. Engracia, sabe o conselho que lhe dou? É que olhe para si, e para os seus, que não tem pouco que olhar.

SAPATEIRO.

(*Encosta-se*) Bom; temol-a travada!

ENGRACIA.

Você tem alguma coisa que arranhar na minha Angelica, mulher d'uma figa?

JOSEFA.

Se quer que a respeitem, veja lá como falla. Se pela rua passam badamecos, ponha oculos se não vê, e repare para quem elles se derretem, em lugar de levantar falsos testemunhos á gente.

SAPATEIRO.

(*Aparte*) Então não querem ver que me mettem na alhada! (*Alto*) Tenha prudencia sóra D. Engracia; deixe-a fallar que isto é genio.

JOSEFA.

Que é que você diz de genio, seu remendão? Picada tenha você a lingua, quando fallar tão verdade como fallou ind'agora ao senhor Anacleto. Então eu tenho um arranjo para as bandas da Mouraria, hein?

SAPATEIRO.

Oh, mulher, não tente a Deus! Pois essa creatura da Alhandra, em casa de quem você guarda os seus cacos, e aonde se recolhe quando se desaccommoda, o que é, senão um arranjo?

JOSEFA.

Você chama um arranjo á minha madrinha de baptismo! A uma mulher que nunca conheceu homem, e vive em graça? Por isso esta troca-tintas se atreveu a fallar de mim como fallou! Deixe que m'as hade pagar duras como ossos.

ENGRACIA.

Troca-tintas! É verdade que fui adella, mas não fica mal a ninguem fazer pela vida. O que fica mal, é andar em peccado mortal, como você anda, á espera de sapatos de defunto, como se o patrão não tivesse parentes no Brazil a quem deixar o que tem.

SAPATEIRO.

(*Á parte, e esfregando as mãos*) Pegaram-se outra vez! Ralham as comadres, descobrem-se as verdades.

JOSEFA.

Quem lhe contou essa historia do Brazil? (*Com muita intenção*) foi aquella pessoa que nós sabemos?

(*Anacleto abre a janella, de chapeo na cabeça, já vestido para sair, e põe-se a assoviar com toda a pachorra.*)

SAPATEIRO.

(*Fingindo admirar-se*) Quando se dizem essas coisas provam-se, sóra Josefa. Ha um par d'annos que conheço aqui a sóra D. Engracia, e sempre a tive por uma pessoa muito recatada.

JOSEFA.

Muito, pois não! Pergunte você ao merceeiro do Poço dos Negros, que elle lhe contará a historia tim tim, por tim tim. (*Para Engracia*) Agora se lhe parece faça de santa!

ENGRACIA.

O que você precisava sei eu! (*Vae direita á porta de Anacleto*) Tem a bondade, senhor visinho?

ANACLETO.

(*Á janella*) Chama para ahi, que já lá vou!

JOSEFA.

(*Atravessando-se diante de Engracia*) Não me suje a casa, que quem a varre sou eu.

ENGRACIA.

O paz d'alma tomou-lhe medo! Está á janella assoviando com toda a pachorra!

JOSEFA.

Veja lá tambem se quer que o homem não assovie! Se não quer é mandar.

ENGRACIA.

Eu me não chame Engracia Rosa, se antes da noite a não obrigar a assignar termo de bem viver. (*Entra para casa, fazendo arremessos.*)

SAPATEIRO.

Deixa-me ir safando, antes que os ares se toldem! (*Desce.*)

JOSEFA.

(*Canta, no patamar de cima*)

Tinha graça s'eu co' adella,  
Depois d'estas turras ter,  
Assignar ia com ella  
Um termo de bem viver!

SAPATEIRO.

(*Canta; já no patamar de baixo*)

Que tollice seja aquella,  
Eu não posso perceber!  
Vem tarde como cautela  
Um termo de bem viver!

AMBOS.

Assignar não vou com ella }  
Um termo de bem viver! }

Vem tarde como cautela }  
Um termo de bem viver! }

(*Josefa entra para casa, e vae direita á janella aonde está Anacleto, puxando-lhe por um braço.*)

SCENA VI.

JOSEFA E ANACLETO.

JOSEFA.

Tudo isto por sua causa!

ANACLETO.

Ah! sim! Pois vou dar uma volta até S. Pedro d'Alcantara. (*Mette-se para dentro, e fecha a janella.*)

SCENA VII.

ANGELICA E O SAPATEIRO.

ANGELICA.

(*Traz duas gaiolas com canarios que vem pendurar á janella. Conversando para baixo*) O mestre! Faz favor?

SAPATEIRO.

Que manda, menina Angelica?

ANGELICA.

A mamã está com o seu ataque de nervos do costume, e então eu pedia ao sr. José Pardal o favor de não ir muito para longe, porque talvez seja necessario mandar chamar o facultativo.

SAPATEIRO.

Esteja a menina descansada, que eu não arredo d'aqui pé, nem que fosse para salvar meu pae da forca.

ANGELICA.

Obrigada, mestre. (*Quer retirar-se.*)

SAPATEIRO.

Ó menina! menina! (*Angelica apparece de novo: o sapateiro cose-se com a hombra da porta, e faz portavoz com as mãos*) O dos bigodes. . .

ANGELICA.

(*Debruçando-se*) Hein?

SAPATEIRO.

O dos bigodes tem andado por aqui toda a manhã a rondar, e quando apanhou leo, deu-me esta cartinha, que diz elle: *que exprime com exactidão o estado do affecto da sympathia que lhe consagra.*

ANGELICA.

(*Debruçando-se ainda mais*) O que?

SAPATEIRO.

O estado do affecto da sympathia que lhe consagra. Diz mais o dito sugeito que lhe parece que não é sua a letra da ultima carta, e que se é, vem disfarçada, ou é tremida. Que em quanto ao que lhe diz da outra, que é tudo falso: que isso já acabou; e que elle agora só gosta da menina Angelica. Ouviu? (*Sente-se tocar uma campainha.*)

ANGELICA.

Lá está a mamã a tocar a campainha. Naturalmente é para me pedir o seu chá d'erva-cidreira. (*Fallando para dentro*) Ahi vou, mamã; ahi vou. (*Para baixo*) Olhe, mestre; se o não incommoda, emquanto eu vou á mamã suba cá acima, e metta a carta por baixo da porta. Faz-me esse favor?

SAPATEIRO.

O que me pedirá a sóra D. Angelica que eu não faça? (*Angelica faz menção de fechar a janella*) Ó menina! Tome cuidado com o maltez do visinho que lhe anda a namorar os canarios.

ANGELICA.

Pelo sim, pelo não, vou recolhendo os animaesinhos. (*Tira as gaiolas, mette-se para dentro e fecha a janella.*)

SCENA VIII.

O SAPATEIRO, DEPOIS ANACLETO, DEPOIS JOSEFA.

SAPATEIRO.

Namoros começados á sexta-feira não vão ao fim sem desordens, e então com a pontinha de genio que tem a tal sóra D. Engracia! (*Canta*)

Se algum dia, por disgracia  
A mãe sabe d'esta scena,  
Os amores da pequena  
São obras de Sant'Engracia!

Á velha não lhe faz conta  
O casamento da filha,  
E se n'esta empresa a pilha,  
Vae-lhe ao pello... ou tanto monta!

ANACLETO.

(*Saindo ao patamar, e seguido de Josefa*) Já disse. Não estou para aturar os seus despropositos. Vou jantar a uma casa de pasto, e arranje-se cá como puder.

JOSEFA.

(*Segurando-o pela aba da sobrecasaça, e escovando-o á força*) Hade ter paciencia. Sem o escovar não sae o senhor. Quando não tiver criada ande porco á sua vontade, mas em quanto a Josefa tiver mãos. . .

ANACLETO.

(Desembaraçando-se d'ella, e muito pachorrenco) Então, é bico ou cabeça?

JOSEFA.

Se o senhor já tivesse jantado dizia-lhe que era bico.

ANACLETO.

Josefa! Josefa!

JOSEFA.

Bem sei que me chamo Josefa. Se não dá outra novidade, essa é velha. (Melle-se para casa.)

ANACLETO.

(Ainda no patamar.) Ora seja em desconto dos meus peccados!

SCENA IX.

ANACLETO, O SAPATEIRO, ENGRACIA, DEPOIS.

SAPATEIRO.

Ora vamos lá deitar este requerimento na caixa. (Mostra a carta, e dispõe-se a subir a escada.) Ah! vem descendo o visinho.

ANACLETO.

A gente n'este mundo sempre soffre coisas que é de se benzer tres vezes com a mão esquerda! Para me livrar das inculcadeiras, incumbo o mestre de me procurar uma criada, põe-se aquelle annuncio no Grátis, e em lugar de uma mulher, mandam-me uma vibora!

SAPATEIRO.

Se me dá licença, eu digo. A Josefa ao principio não era assim. Podia passar pela rua o menino Jesus que a janella não se lhe abria em todo o santissimo dia, nem aos sabbados para ver o bando, nem nos outros dias ao render das guardas. Hoje está um pouco mais altanada, está. Mas, se me dá licença, eu digo...

ANACLETO.

Falle com franqueza, homem, diga.

SAPATEIRO.

Eu tenho cá de mim para mim, que o sôr Anacleto se tem dado pouco ao respeito; e isto de criadinhas de servir, dá-se-lhes o pé, tomam a mão.

ANACLETO.

(Rindo boçalmente.) Você, se não é magico, parece-o! Isso, é tal e qual a verdade. Eu ainda não estou morto, e, aqui para nós que ninguém nos ouve, aquelle braço da Josefa..... que me diz você, mestre, aquelle braço da Josefa?

SAPATEIRO.

Que lhe heide eu dizer ao braço da Josefa! Digo-lhe que sim senhor.

ANACLETO.

As mulheres, para mim, são ratoeiras. Apanham-me!... Ora quer você saber uma que me aconteceu? (Sentta-se muito pachorrenco na tripeça.) Eu tinha um amigo, o nome não vem nada para o caso, que passou d'esta para melhor vida, deixando a viuva tutora de uma filhita que tinham, e este seu criado sub-tutor. (Rindo.) O fogo ao pé da estopa, percebe-me, não?

SAPATEIRO.

Nós cá nos entendemos. Passe a diante.

ANACLETO.

Tres annos fui um martyr. Quer que lhe diga? Con-to-lh'o com vergonha d'esta cara. Um dia, porque me recolhia mais tarde para casa; (Faz um gesto de que lhe batiam) outro dia, porque se me despregava um botão..... (Faz equal accionado.) Você, mestre, não faz idéa de como era ciumenta o demonio da mulher.

SAPATEIRO.

Eu, pelas duvidas, sempre lhe iria chegando com o tirapé ao frontal.

ANACLETO.

Uma vez sai-me tambem do meu serio, mas que terremoto, meu Deus! Veiu a municipal, e pregou comigo no Carmo. No outro dia figurei em letra redonda no Diário do Governo, na parte de policia, e gastei um par de... menos maus se me quiz safar das unhas da justiça.

SAPATEIRO.

Pois senhor, eu, graças a Deus, sou viuvo. E digo-lhe com o coração nas mãos, nunca em quanto fui casado deixei passar uma semana sem convencer minha mulher que eu era o forte, e que ella me devia amor e obediencia. Muito principalmente obediencia.

ANACLETO.

A Josefa, vai pelo mesmo caminho da outra. (Muito pachorrenco). Hontem, compro um pargo, peixinho porque dou o cavaco. Trago-o para casa e digo: Josefa, metade é para coser com batatas para o jantar, e a outra metade asse-a para a cêa. Ai diabo que tal disseste! Entra a berrar que não estava para aturar asneiras, que o pargo fazia mal cholera, e, para encurtar razões, prega-me com o peixe no barril no lixo.

SAPATEIRO.

D'essas não perdoava eu á minha serva de Deus.

ANACLETO.

E comi de carne! Uma sopa que os cães passariam de largo por ella. (Levantando-se) Basta de massada. Recommendo ao visinho que me não perca d'olho a Josefa, levo aquella toalhinha engasgada aqui. (Canta)

A mulher quando é ladina  
As pedras transforma em ouro;  
Mas os modos não ensina  
De fazer d'um pato um toiro!

SAPATEIRO.

Vá descansado o visinho;  
E será bom que se esqueça  
Á vinda pelo caminho  
Do que leva na cabeça.

ANACLETO.

(Apertando-lhe a mão) Obrigado, isso é d'amigo. (Dá dois passos fora da porta, e volta atraz). Abra a mão, e feche os olhos.

SAPATEIRO.

(Fingindo-se contrafeito) Tanta bondade!..

ANACLETO.

Como você gosta do que é bom, quero que vá amanhã ao Salitre, ver um combate de portuguezes em Mourama em que ha pancadaria de crear bicho!

SAPATEIRO.

E quem vence?

ANACLETO.

Está bem de ver que são os nossos. Mas, o bonito não é isso. É que os portuguezes são só vinte, e os da outra banda para riba de duzentos. Adeus até á volta. (Sae).

SAPATEIRO.

Ainda elle não poz tudo na carta! É que ha tambem balão, levando aos astros o nome e a fama dos illustrados lisbonenses. (Quando Anacleto sae, Engracia chega por acaso á janella, e dá um grito.)

Continua.

REVISTA DRAMATICA.

## A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

DRAMA-COMEDIA

Pelos Srs.

REBELLO DA SILVA E ERNESTO BIESTFR.

A appareição d'este drama no theatro de D. Maria II podia levantar a mesma questão litteraria, debatida por dois criticos eminentes em França, por occasião de Jules Sandeau e Dumas filho transportarem do livro para o palco os seus bellos romances *Mademoiselle de la Seigliere*, e a *Dame aux camelias*.

E d'esta vez, mais que nenhuma, a critica era provocada a fazel-o pelas difficuldades que houve por certo a vencer em passar da forma narrativa para a forma dramatica um livro tão familiar a todas as predilecções, mas que, pelas suas condições especiaes, reagia inquestionavelmente contra os preceitos e regras sobre que o theatro firma os seus melhores effeitos.

A *Mocidade de D. João V*, no romance tem já grandes qualidades dramaticas: a paixão ahí rebenta por entre as illusões fascinadoras de uma juventude fervida e imprevidente: a magnanimidade e o amor põem em conflicto os rasgos da verdadeira nobreza de coração, submet-

tendo-o ás provas mais acerbas: e todos estes lances em que o sentimento desafoga nas explosões de um affecto contrariado, e se ergue ás mais altas regiões do pathetico, agrupam os personagens em bellos quadros, e todos animados e coloridos pelo vigor de um dialogo admiravel.

Mas ainda assim do livro ás prescripções e regras da scena, a distancia é immensa. Entre o romance e o drama levantam-se todos os obstaculos que formam os dotes indicativos dos dois generos. O amor de D. João V por Cecilia é apenas como um facho que arde no seio de uma grande epoca, que allumia de suas projecções chamejantes as figuras que lhe ficam proximas, mas que perde de intensidade e brilho entre o tumultuar de uma sociedade inteira, que apparece e se debate symbolisada nos seus maiores poderes, assim como caracterisada nas suas velleidades mais personalisadoras, nas suas paixões, e ridiculos. A inquisição e a Companhia de Jesus, as duas grandes supremacias religiosas e politicas da epoca, no seu combate eternamente rival; a feição expirante de um reinado que termina e as ambições latentes de outro reinado que dentro em pouco vai inaugurar-se; a organização social do tempo expressa no viver e sentir de algumas das classes mais peculiares d'aquella era; tudo isto são elementos que o romance aceita, que desinvolve com a pompa faustosa e ornada de estylo descriptivo do sr. Rebello da Silva, que se engrandece, elevando-os á luz sempre esplendida das considerações philosophicas que a um tão reconhecido talento suggerem as differentes phases d'este vasto quadro da nossa historia, mas que tem por força de permanecer nas paginas do livro, porque as condições de unidade e as exigencias de acção que presidem ás regras do theatro, os engeitam.

Ha uma profunda differença entre os assumptos e incidentes que o romance pode abranger nos variados limites do seu dominio, sem prejuizo da verdade de uma idéa, e aquelles que a forma dramatica deve admitir nos planos, embora diversos, mas sempre ligados por um pensamento commum, do seu desinvolvimento. No theatro tudo vive, tudo se agita e palpita; no livro não é assim. O elemento descriptivo é uma das suas maiores bellezas: o leitor compraz-se ás vezes com uma descripção, como com o encontro de um sitio ameno onde repouse o espirito cansado d'essas scenas de luta affectuosa e apaixonada; em quanto que o espectador, dominado do interesse da acção, o que deseja é vel-a correr accelerada, despreendida de incidentes importunos, agrupar-se em situações imprevistas e desfechar em desenlaces que realizem os instinctos da sua alma ou os vóos ideaes da sua phantasia. O episodio, recurso sempre permittido ao romancista e em que os seus dotes imaginativos mais se provam e esplendem, é, por via de regra, um motivo de exaspero para uma platéa. As platéas odeiam os episodios, salvo quando elles se identificam tão estreitamente com a fábula de uma producção scenica que em vez de desviarem a attenção da idéa inicial, mais a completam ou lhe preparam novos e variados lances.

É justamente este ponto que oppunha todas as difficuldades a ser aclimatado no palco o romance da *Mocidade de D. João V*. Este bello livro, que não é outra coisa senão a physionomia politico-social de uma das grandes epochas da nossa historia, animada por uma paixão que, apesar de se desprender nos mais arrebatados vóos a que pode levar o amor incendiado pelos fervores da imaginação juvenil, nunca rebaixa o caracter de um principe, antes eleva a filha de Philippe da Gama a toda a altura da magestade soberana dos verdadeiros dotes de alma; este bello romance, repetimos, é uma formosa galeria de quadros. A sua acção é essencialmente episodica; corre cortada de mil incidentes em que a musa zombeteira de uma satyra inexoravel tem muitas vezes de fugir, repellida pela gravidade das mais patheticas scenas da paixão e da saudade. E é este mixto agradável do comico com o pathetico, e estas duas phases do mundo moral vistas á luz de uma analyse que profunda e segue, como Balzac, o desinvolvimento de todos os phenomenos do organismo social, que faz da obra do sr. Rebello da Silva um dos escriptos verdadeiramente notaveis n'este genero. Mas tambem é d'esta mesma natureza complexa, e da sua multiplicidade de rasgos descriptivos, que nascem os maiores obstaculos para a subjeitar ás prescripções do theatro.

E foram esses obstaculos todos vencidos? Ficou o romance um drama? A resposta não é difficil. Os maiores obstaculos foram effectivamente vencidos. A *Mocidade de D. João V* conserva na scena o verdadeiro dote dramatico, que é o interesse, qualidade que nunca actua sobre um publico senão quando o valor de um caracter, de uma paixão ou de uma idéa, é desinvolido segundo os bons preceitos da scena. Verdade é que os primeiros tres actos accusam as exuberancias do livro: vê-se talvez que houve excessivo amor por certos personagens, que são por certo um bello relevo da epoca no romance, mas que na peça se tornam excéntricos e superabundantes. O abbado Silva, typo acrostico da erudição pedante, esboçado com verdadeira felicidade de veia comica, no drama é apenas um pretexto para as pirraças do assevajado sobrinho do commendador Telles, e a victimia nefasta de todos os seus azedumes. Este mesmo Philippe da Gama apparece unicamente no theatro para nos provar que Cecilia e Theresza são suas filhas, porque no mais não prende em coisa alguma com a acção principal. O dominico fr. João

dos Remedios está no mesmo caso: representa por incidente a inquisição; e nos seus episodios da eterna *questão dos arcos* vem apenas dar desinvolvimento á influencia da companhia de Jesus, personalizada no vulto magestoso do padre Ventura. É antes uma feição da época do que um elemento activo e indispensavel ao drama. Mas desculpadas estas pequenas faltas, que ainda assim teem um lado louvavel, pois mostram o escrupulo com que se tentou transportar para a scena, na sua propria verdade episodica, o quadro de uma parte da nossa historia nas relações mais obscuras e indicativas da politica que a dominava, o resto do drama convida a critica a verdadeiros louvores. O quarto e quinto actos indemnizam o espectador de todas as longúras de dialogo, de todas as aparições de personagem mais ou menos justificaveis, de todos os incidentes que a anciedade da platéa, deseja de correr sempre apar da acção, repilla com uma certa severidade. O amor poetisado na resignação verdadeiramente angelica de Cecilia; a magestade de um grande rei lutando contra todas as forças da primeira paixão do mancebo de dezoito annos; o affecto e a desesperança provando toda a audacia da alma de Jeronymo Guerreiro; e surgindo do seio d'esta procella, em que tres corações se despedaçam, a face veneranda e reflectiva do padre Ventura como um raio de luz que rasga as sombras da vida, e faz brilhar sobre aquelle grupo desolado a unica esperança que não se apaga no peito desventurado — a esperança do ceo; todos estes sentimentos, todos estes transe e personagens se ligam em situações da mais pura e sympathica expressão de affecto n'estes dois actos.

Que bellos contrastes de effeito profundamente dramatico não reúne toda a scena em que Jeronymo Guerreiro recebe a sua espada e com ella a liberdade?! Aqui o drama palpita de paixão, e os espectadores, identificados com a solemnidade d'aquella dór, só quebra o silencio de uma anciedade suffocada para desabafarem em brados e expansões de enthusiasmo. O ciúme cegara o homem que o fogo de cem batalhas nunca cegou: a ira, como um relampago, scintilla nos olhos do filho de D. Pedro II: a exasperação do rei vai rebentar mal contida no coração ardente e altivo do mancebo. D. João v pega da espada do amante de Thereza e arremessa-a ao chão com o impulso soberano da magestade ferida. Depois, a espada do monarcha ergue-se sobre o soldado, mas um raio de luz rompe pelas trevas que inundam aquelles espiritos, e as iras do rei quebram-se na mão do ministro de Deus. A magnanimidade real triumphou: o homem desaparece para permanecer o principe que se refrêa, deplora e perdoo.

Este bello quadro, e todas as scenas que se lhe seguem, exprime tudo que pode haver de mais sublime e energico no sentimento humano.

A benção da espada do rei, talvez inspirada pela benção da espada do condestavel no *Alfageme*, mas em situação mui diversa, é um pensamento digno do autor dos *Martyres*.

E como rebenta novamente no final do quinto acto o amor dos dois amantes?! Como a saudade, mergulhada nas lagrimas em que o coração desafoga, se aviva n'aquellas faces, formosas ainda mesmo enlutadas pela expressão da angustia?! — Olhae, senhor, que vos observam, murmura Cecilia ao monarcha que, no seu impulso de affecto, esquece a etiqueta da realza para cair aos pés da mulher que adora, suffocado em pranto. — El-rei não está aqui, e não ha olhos que se atrevam a olhar quando os d'elle... choram!

E as ultimas palavras que profere D. João v, quando, de um lado a corôa e do outro a grade de um convento, esta lhe rouba para sempre a amante, e aquella o chama aos altos destinos do estado? — Sequem-se para sempre as lagrimas do homem!... Sou rei!... Expressão que, como em epilogo de concisão sublime, resume todo o pensamento do drama.

Emfim, seria levar a analyse a um desinvolvimento interminavel se houvessemos de colligir e indicar todos estes primores de estylo, todas estas phrases sentenciosamente profundas que só por si criam situações e elevam a idéa do espectador ás mais altas regiões da philosophia e do sentimento.

Ajuntae agora a isto a interpretação dos differentes personagens como que inspirada por estas bellezas á concepção dos nossos melhores actores, e tercis feito idéa da maneira porque figura sobre o palco *A Mocidade de D. João v*.

A actriz Emilia das Neves creou um papel. N'esta phrase concisa está contido inteiro o elogio de todo o artista que consegue manifestar o concurso e harmonia das suas faculdades na interpretação de um grande caracter. É o que succede com a talentosa interprete de Margarida Gautier e o duque de Richelieu. A senhora Emilia concilia todas as difficuldades: os arrebatamentos do mancebo apaixonado rebentam para mais destaque da magestade real, e o esplendor d'esta inunda sempre de luz as acções ou palavras mais insignificantes do amante da sobrinha do commendador Telles. O caracter do joven principe, assim concebido, é um conjunto admiravel de todas essas qualidades do amor e cavalheirismo, cujo mytho é a idade media, que se por momentos irrompe nos impetos insoffridos do coração de mancebo, é para logo se involver em toda a magestade dos arminhos reaes. Os dois ultimos actos, só por si, valem uma corôa para todo o actor que os interprete como a senhora Emilia.

N'estes mesmos actos, a senhora Soller teve momentos de verdadeira effusão de coração. Dos camarotes e na propria platéa chorava-se com ella. E quando uma actriz obtem d'estes triumphos, toca por certo as mais elevadas espheras da arte.

Nos lances de arrebatamento, e, em geral, em todas as situações de exaltação sentimental, o sr. Tasso traduz com energia e sentimento o caracter fogoso de Jeronymo Guerreiro, o soldado que tem o coração tão sensível para o amor como o braço forte para os combates.

E que diremos do padre Ventura? O caracter d'este jesuita, não como o afigura o preconceito odioso do acinte popular, nem mesmo como a degeneração da ordem o apresentava já nas ultimas eras da sua existencia, mas como o instituidor Ignacio de Loyola, mistura a intelligencia e amor evangelico da solicitude apostolica do padre Aubriy de Chateaubriand e da sciencia da vida de um Bossuet; este caracter, tão profundamente desenhado no romance do sr. Rebello da Silva, reproduz-o em scena, com toda a sua elevação, o talento reflectido do sr. Epiphanyo.

Os demais personagens tiveram uns interpretes felizes nos srs. Theodorico, Domingos, Carvalho e Gertrudes.

É com produções d'estas, e assim desempenhadas, que o nosso theatro se engrandece. Folgamos de registrar este facto porque com elle registamos no archivo da critica imparcial a aparição de um trabalho que proclama o merito dos nossos melhores actores, e mostra que a litteratura dramatica entre nós promette dias de esplendor futuro.

ANDRADE FERREIRA.

### CHRONICA SEMANAL.

Nunca os theatros estiveram tão animados; a concorrência afflue e os espectaculos succedem-se e renovam-se com rapidez. Nota-se em quasi todos mais vida e movimento. S. Carlos continua a enthusiasmar os dilletanti, o Gymnasio a attrahir espectadores, e D. Fernando promettendo successivas representações ao *Martyr*, composição do sr. Lacerda.

Em D. Maria II deu-se no beneficio do actor Theodorico, a comedia-drama *A Mocidade de D. João v* e o *Sapateiro de escada*, do nosso amigo Palmeirim. Complices na tentativa dramatica *A Mocidade de D. João v*, nada podemos dizer sobre ella, restando-nos unicamente agradecer á critica a benevolencia com que a acolheu, e ao publico os applausos que lhe prodigalisou.

Fallemos agora do *Sapateiro de escada*: n'este assumpto podemos dar a nossa opinião.

Havia muito tempo que não apparecia em scena uma comedia tão nacional na indole, na forma e no dialogo.

Mestre José Pardal, o protagonista, é exactamente o nosso remendão de escada, tão popular e conhecido. Curioso por natureza e conveniencia, fallador por especulação, velhaco por indole, condescendente por interesse, abelhudo por calculo, o *Sapateiro de escada* ordinariamente desfruta a todos e de todos utiliza. Josefa é o typo fiel de criada de servir, pouco zelosa da sua reputação e muito dos generosos proventos dos amos. Engracia Rosa e Anacleto dos Ramos são tambem duas figuras caracteristicas; mas esboçemos o enredo que apesar de simples é bem conduzido.

Prescindir do desenho da vista é quasi impossivel, e difficultava a nossa narração. Logo, começaremos pelo que diz respeito a Rambois e Cinatti.

Sobe o panno e dá-se com os olhos n'uma propriedade de casas de menos má apparencia. Na porta principal ha um vão d'escada onde mora mestre Pardal; segue para cima a escada, ficando o patamar do primeiro andar á vista do espectador.

Os inquilinos da casa, nossos conhecidos, são do lado direito, no primeiro andar, Engracia Rosa, ex-adella, mulher de sessenta annos, gorda, anafada e de mau genio, e sua filha Angelica, galante rapariga e naturalmente ladina. Do lado esquerdo mora o sr. Anacleto dos Ramos, proprietario, e a sua criada Josefa. Quanto ao segundo andar, nunca tivemos occasião de ver os seus moradores, se é que os tinha. Uma vez ao facto dos personagens, passemos á intriga. Principiaremos pela sr.<sup>a</sup> Engracia Rosa, e sua interessante filha. Segundo apregoava a má lingua da criada do visinho, a sr.<sup>a</sup> Engracia Rosa, no tempo em que comprava alfarrabios muito baratos para vender caros, não deixou de consagrar tambem algumas das horas, perdidas para o negocio, ao deus Cupido. Sua filha, a exemplo de muitas outras, entretinha-se e divertia-se namorando da janella os janotas que passavam. Entre estes preferiu o sr. Julio, e a julgar só pelo que presenciamos na comedia, foi-lhe fiel.

Quanto ao sr. Anacleto dos Ramos, a visinhança não deixa de arranhar na sua vida. A presença d'uma criada, boa moça, realmente despertava certas suspeitas, que, segundo mais tarde ouvimos dar a entender o sr. Anacleto, ao remendão, não deixavam de ter seu fundamento. Está claro que a criada, uma vez senhora da situação, abusa necessariamente. Quasi que se invertem as posições. É já n'este caso que viemos a conhecê-lo.

Mestre José Pardal, procura viver bem com todos e por isso não desgosta ninguem. Ri com a Josefa da ex-adella, e murmura com a ex-adella da Josefa; desfructa

o sr. Anacleto dos Ramos fingindo zelar-lhe a casa, e protege o janota nos seus amores. Tudo isto lhe rende mais ou menos — sempre mais do que as meias solas.

Ora o nosso remendão tanto faz e taes coisas diz a filha da adella que a convence a conceder na escada uma entrevista ao janota. Este chega, recebe a noticia, dá em troca um abraço a mestre Pardal e galga a escada n'um pulo. No meio do dialogo amoroso, acorda a adella e chama pela filha; a criada do visinho que sentiu passos na escada, grita pelo sapateiro, cuidando que são ladrões; mestre Pardal que prevê grande catastrophe corre pela escada acima, revela a verdade á sr.<sup>a</sup> Josefa e pede-lhe que para salvar a *peguena* e a elle, dê guarida ao janota por um momento. Depois de leve hesitação, o bom coração da sr.<sup>a</sup> Josefa cede, e o sapateiro desce a espreitar a occasião de o pôr ao fresco. Chega a baixo e vê a mal-dita da adella á janella, mas tal conversa lhe arma que a faz recolher para dentro. Dá immediatamente signal á Josefa para que solte o preso, porém quando este vem a meia escada, desponta á esquina o sr. Anacleto dos Ramos, e corta-lhe assim a retirada. Mestre José Pardal empurra-o para cima, a criada que viu o patrão sacode-o para baixo, até que o nosso janota desesperado com tanto suba e desça, toma a resolução heroica de se encaixar novamente na mesma casa.

Mestre José Pardal vendo o visinho pasmado diante da porta, pergunta-lhe o que attrahe tanto a sua attenção. O sr. Anacleto responde-lhe que é o numero da porta que acha mudado, pois sendo antigamente 100, tinha passado agora a ser 5, e a este proposito conta-lhe como o acaso aproximara d'elle certa deidade, cujos amores tinha já contado ao remendão, não escondendo sequer a menor circumstancia, até mesmo a da tutoria da filha. A confusão dos numeros é que tinha feito com que elle procurasse debalde a sua morada. É facil prever que a tal deidade é a sr.<sup>a</sup> Engracia Rosa, em pessoa. Mas o sr. Anacleto está nos seus dias de felicidade; não param aqui as suas fortunas, além do encontro feliz da adella, tinha tambem recebido uma carta do Brazil em que lhe participava a vinda d'um sobrinho. N'este momento a sr.<sup>a</sup> Engracia Rosa que chegou á janella e viu *bigodes d'um homem* em casa do visinho, grita pelo sapateiro, mas Anacleto ouvindo-lhe a voz, pede a este que o deixe subir primeiro para lhe fazer a surpresa. Mal chega ao patamar, e que as caras dos dois se encontram e reconhecem, dão um grito e caem nos braços um do outro. Quadro de reconhecimento. Passados os primeiros momentos e ditas as usuas palavras, a sr.<sup>a</sup> Engracia Rosa que jurou vingarse de Josefa, diz-lhe que espreite o que lá vai por casa, e veja como a criadinha zomba de sua confiança. Abre-se a porta á bulha que Anacleto faz, e quem hade apparecer? O sobrinho, Julio era o tal sobrinho fallado. Novo reconhecimento. O final é bom de adivinhar, isto é dos quatro. Resta só a Josefa e mestre Pardal. Despedida pelo sr. Anacleto a Josefa vai consultar o remendão, que lhe declara que no caso de estar resolvida a casar com elle, o patrão tinha-lhe promettido trezentos mil reis, para abrirem uma loja de capella. Annuencia completa da parte da ex-criada e assim termina a comedia.

Mais d'uma situação comica que apresenta a comedia nasce sempre do dialogo. O autor n'este genero pode dar-nos produções de subido valor. N'esta tentativa revelou extrema vocação, tornando-a desde logo modelo. É principalmente admiravel na propriedade da linguagem.

Duas palavras sobre o desempenho.

Theodorico copiou com verdade o typo e imprimiu-lhe relevo comico. Seguiu o exemplo do autor e com bastante felicidade. Delina representou como sempre, como em tudo: ninguem exprime a phrase com mais justeza, ninguem possui graça mais espontanea, ninguem a excede em naturalidade. A sr.<sup>a</sup> Barbara justificou mais uma vez a reputação que alcançou n'aquelle genero de papeis. A sr.<sup>a</sup> Gertrudes apesar de desempenhar um papel pouco importante, tirou todo o partido possivel e deu realce aos dialogos da janella abaixo. O sr. Sargedas, creou um typo comico, e sustentou-o do principio ao fim. O sr. Cesar andou regularmente.

A companhia franceza tem continuado a resuscitar em scena, peças já conhecidas e avaliadas pelo publico. Novidade até hoje pouca ou nenhuma tem apresentado. *La Chanoinesse*, *le Gendre de M. Poirier*, *La maitresse de langues*, *La femme aux oeufs d'or*, são tudo comedias que a critica julgou, e as platéas tambem.

Á excepção do desempenho da *Chanoinesse* e do *Gendre de mr. Poirier*, nenhum mais é digno de menção. *La Maitresse de langues* e *la femme aux oeufs*, são duas extravagancias comicas, sem merito litterario que as recomende, escriptas unicamente no sentido de despertar a hilaridade, e não duvidando mesmo para o conseguir em recorrer á caricatura e á inverosimilhança.

No theatro normal está em ensaios uma estrea dramatica do sr. Paganino, *Os dois irmãos*. Brevemente esperamos ter occasião de a applaudir.

Consta-nos tambem que o sr. Aristides Abranches escrevera uma comedia phantastica intitulada *Stamboul*. São geraes e unanimes os elogios que lhe temos ouvido fazer. Dizem-nos estar conduzida com extrema habilidade e traçada com muita arte.

ERNESTO BIESTER.